

POR UMA TEORIA DA LITERATURA INFANTIL: O CASO PETER HUNT ¹

*[FOR A THEORY OF CHILDREN'S
LITERATURE: PETER HUNT'S CASE]*

LEONARDO FRANCISCO SOARES

Professor da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Uberlândia, Minas Gerais,
Brasil.

[leosoul@uol.com.br]

¹ Palestra apresentada na XIII Semana de Letras – Delet – ICHS – UFOP – *Culturas da Escrita, Culturas da Oralidade* – realizada no período de 24 a 27 de novembro de 2014.

RESUMO

Primeiro especialista em literatura infantil a ser nomeado professor titular de uma universidade britânica, a saber, a Cardiff University, Peter Hunt, quando escolheu a literatura infantil e juvenil para tema de seu PHD, ouviu o comentário de seu orientador de que aquilo não era assunto sério o suficiente. Eram os anos de 1980, não existia na Grã-Bretanha uma crítica literária especializada, que fosse dedicada à análise da produção dos livros infantis e juvenis. Desde então, Peter Hunt dedica-se a pensar, crítica e teoricamente, a literatura infantil. Nesse sentido, este artigo propõe-se estudar as questões teórico-críticas, trazidas por Peter Hunt, com vistas a extrair uma teoria específica da literatura infantil. Ao se propor a estudar a literatura infantil por viés teórico e não histórico, cultural ou afetivo, o pesquisador inglês preocupa-se com questões como o conceito do objeto livro, a noção de leitor e de leitura (como uma criança produz sentido?) e principalmente a definição do que é literatura infantil. Tais questões são colocadas no âmbito mais amplo da teoria literária do século XX e é isso que as torna mais abrangentes e produtivas.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura infantil; Teoria da literatura; Peter Hunt.

ABSTRACT

As the first specialist in children's literature to be appointed Head Professor at a British university (The Cardiff University), when Peter Hunt chose children's and youth literature as his PhD theme, he was told by his advisor that it was not a seriously enough subject. During the 1980s, there were no literary critics in Britain who focused on children's and youth books analysis. Since then, Peter Hunt is devoted to thinking children's literature by a critical and theoretical bias. Thus, this paper aims to study the theoretical and critical issues raised by Peter Hunt in order to extract a specific theory of children's literature. In proposing to study children's literature by a theoretical bias instead of by a historical, cultural or emotional one, the English researcher is concerned with issues such as the concept of the book as an object, the notion of reader and reading (how do children construct meaning?), and especially the children's literature definition. These issues are raised into the broadest context of the Twentieth Century literary theory, making them more comprehensive and productive.

KEYWORDS

Children's literature; Theory of literature; Peter Hunt.

Há 37 anos, em um exercício especulativo radicalizado, Roland Barthes, em sua *Aula* – a aula inaugural da Cadeira de Semiologia literária do Colégio de França, pronunciada em 07 de janeiro de 1977 –, oferecia-nos uma situação hipotética: “[s]e, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário” (2000, p.18). Da ordem do que permanece vivo ou continua a existir, depois de determinada experiência de risco, na literatura, essa disciplina sobrevivente, segundo ele, circulam todos os outros saberes. Todavia, basta uma rápida visita a documentos como o *Plano Nacional de Educação*, as *Diretrizes curriculares da Educação básica*, as *Orientações curriculares para o ensino médio*, ou mesmo um acompanhamento mais geral da prática cotidiana da sala de aula da escola básica, para concluirmos o quão distante estaríamos do exercício especulativo, da cena imaginária desenhada por Roland Barthes.

De modo geral, é tácito o distanciamento dos nossos estudantes dos textos literários, assim como o pouco tempo e espaço destinados à leitura literária, a ausência ou o uso do texto literário como mero pretexto para passar outros conteúdos. Nesse estado de coisas, a experiência de leitura literária fica reduzida a um exercício prescritivo, coercitivo e utilitarista. E eu retomo as palavras de Michèle Petit (2008), que, em seu livro, *Os jovens e a Leitura*, chama a atenção para o fato de a linguagem escrita permitir dominar à distância, seja pela imposição de modelos amplamente difundidos ou pela figura edificante de um santo ou a da criança descobrindo o amor pela pátria, utilizando-se da escrita para submeter às pessoas à força de um preceito e prendê-las nas redes de uma identidade coletiva. Por esse viés, o aprendizado da leitura configura-se, muitas vezes, como um exercício que incute o medo, que submete o corpo e o espírito, que incita cada um a ficar em seu lugar, a não se mover.

Quero insistir, aqui – obviamente, amparando em uma gama significativa de pesquisadores da nossa área, tais como COSSON (2006), PAULINO (1998), SOARES (1999), ZILBERMAN (1999) –, numa vertente de leitura, distante da ordem da submissão de que nos alerta Michèle Petit, acreditando que as propostas do letramento literário podem contribuir para repensarmos o perfil do professor de língua portuguesa na

educação básica, bem como as estratégias e as alternativas de trabalho do corpo a corpo com o texto literário. Nas palavras de Rildo Cosson e Renata Junqueira de Souza:

o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. Finalmente, o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar. [...] o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço. (COSSON, SOUZA, 2011, p. 102-103).

Pensando nisso, focalizo agora uma questão que considero premente para se pensar a noção de letramento e de experiência literária: a formação do leitor criança e a especificidade do texto literário para crianças. Sem dúvida, um dos muitos nós que encontramos no processo de formação de leitores de literatura encontra-se nas primeiras séries da educação básica: que tipo de leitor criança deve-se formar? De que forma se dá o processo de formação desse leitor? É igual para todos? Qual o papel dessa primeira formação no desenvolvimento desse leitor? O professor das primeiras séries da educação básica domina os aparatos necessários para lidar com esse tipo de texto e de leitor? Quanto à escolha do aparato teórico-crítico para me ancorar neste estudo, eu recorro ao trabalho de Peter Hunt, um pesquisador que ocupa um lugar singular no campo dos estudos de literatura infantil e juvenil.

Hunt foi o primeiro especialista em literatura infantil a ser nomeado professor titular de uma universidade britânica, a Cardiff University, na qual hoje é Professor Emérito. Antes disso, quando escolheu as literaturas infantil e juvenil para tema de seu PHD, ouviu o comentário de seu orientador de que aquilo não era assunto sério o suficiente. Eram os anos 80 do século XX, não existia na Grã-Bretanha uma crítica literária especializada, dedicada à análise da produção dos livros infantis e juvenis. Na universidade, não se estudava livros escritos para crianças e jovens. Desde então,

Peter Hunt dedica-se a pensar, crítica e teoricamente, a literatura infantil. De lá para cá, muita coisa mudou nos países anglófonos, sendo que o trabalho de pesquisa de Hunt, ao longo de mais de três décadas, teve participação decisiva nessa modificação. De sua vasta produção bibliográfica, apenas o estudo *Crítica, Teoria e Literatura Infantil* (1991) seria traduzida para o português em 2010, em edição revista pelo autor, como atesta o prefácio à edição brasileira. Apesar do atraso de 20 anos, a publicação chegou aqui em boa hora; afinal, ainda assistimos a uma carência no que se refere a um exercício crítico teórico de se pensar a literatura infantil.

Antes de percorrer a proposta de Peter Hunt, é preciso destacar que, no Brasil, os primeiros livros voltados especificamente para o tema ensino de literatura infantil foram publicados em fins dos anos 50 do século XX e tinham o intento de suprir uma carência dos cursos normais – voltados para formação de professores primários. Pode-se citar, como pioneiros, os manuais: *Compêndio de Literatura Infantil: para o 3º Ano Normal* (1959), de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, e *Literatura Infanto-Juvenil: de Acordo com o Programa das Escolas Normais* (1961), de Antônio D’Ávila. (cf. OLIVEIRA; TREVISAN, 2012). Tais trabalhos foram tomados como referência para os autores de manuais publicados desde então.

Somente nos anos 70 do século XX, a literatura infantil ingressaria como disciplina na área de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, tendo como nome de destaque o da professora Nelly Novaes Coelho, cuja produção ainda é bastante presente quando se fala em literatura infantil no Brasil, o que inclusive vem confirmar a escassez de um investimento mais efetivo sobre o tema em nossos institutos de pesquisa. Afinal, apesar da mudança de cenário nas últimas décadas – temos, por exemplo, nos últimos anos, um número significativo de eventos e de chamadas de periódicos acadêmicos com números temáticos voltados para o assunto –, a literatura infantil ainda é marginalizada, ocupando, de um modo geral, espaços periféricos, de menoridade nos Programas de Pós-Graduação em Letras do país.

Nesse sentido, o meu ponto de partida, a minha proposta inicial, para essa pesquisa, que começou na preparação para a participação no GT Letramento e Experiência Literária, coordenado pelos professores doutores Paulo Fonseca Andrade e João Carlos Biella, da Universidade

Federal de Uberlândia, no IV Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa (SIELP), era investigar as questões teórico-críticas trazidas por Peter Hunt, com vistas a extrair uma teoria específica da literatura infantil. Ao se propor a estudar a literatura infantil por viés teórico e não histórico, cultural ou afetivo, o pesquisador inglês preocupa-se com questões como o conceito do objeto livro (englobando obviamente o projeto gráfico), a noção de leitor e de leitura (como uma criança produz sentido?) e principalmente a definição do que é literatura infantil (dando ênfase à linguagem, à arte). Tais problemáticas são colocadas no âmbito mais amplo da teoria literária do século XX, e é isso que as torna mais abrangentes e produtivas. Porém, no meio do caminho, acabei me enovelando em alguns outros nós trazidos pela lúcida proposta de Hunt e sendo desviado de rota tão ambiciosa.

Há uma preocupação revelada logo na introdução do livro *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*, de Peter Hunt, que é a de demarcar as fronteiras entre o que ele concebe por “teoria” e o que entende por “crítica”, como fica evidente no fragmento de Seymour Chatman, tomado como epígrafe: “Mas a teoria não é crítica. Seu propósito não é oferecer leituras novas ou melhores obras, mas justamente explicar o que todos fazemos no ato comum da leitura, com felicidade inconsciente.” (*apud.* HUNT, 2010, p. 18). O intuito, portanto, é compreender, teórica e criticamente, o que acontece quando lemos, como se forma o sentido e como podemos falar dessa leitura e fazer um juízo de como os leitores comuns leem. Para tanto, é preciso propor um tipo de abordagem do texto para criança e sugerir modos de dar corpo a essa proposta.

A própria expressão “texto para crianças” (HUNT, 2010) é tomada por Peter Hunt como uma denominação produtiva para se refletir o objeto estudado no âmbito da literatura infantil, pois admite sentidos mais flexíveis e, em um primeiro momento, não nos deixa cair, por exemplo, no imbróglio em torno da noção de literariedade. Por esse viés, o termo “texto” poderia significar uma gama abrangente de formas de comunicação; afinal, uma das características marcantes da literatura infantil vem a ser a sua falta de pureza genérica, investindo desde o início, de forma mais óbvia que outras formas de expressão, na experiência intermediática, por exemplo – há toda uma preocupação teórica de Hunt, ao longo do livro, de

pensar as relações entre texto e ilustração no âmbito da literatura infantil, ampliando-se, assim, os próprios limites da literatura no que se refere às questões teóricas. Já a preposição “para” contida no sintagma “textos para crianças” aponta para a ideia de adequação do texto para um público, no caso, o infantil. Quem ocupa esse lugar decisório pode ser tanto o autor, a editora, aquele que dá o livro para a criança ou as próprias crianças, ou seja, um espaço ocupado por categorias pouco seguras.

Além disso, essa noção de adequação é tomada de maneiras distintas ao longo das gerações e também aponta para interesses distintos. O autor lembra ainda de uma longa tradição que ainda persiste, infelizmente, de um didatismo, o qual sustenta que o livro para criança é sinônimo de moral e de educativo. Quanto às crianças, essas não devem ser tomadas como um grupo homogêneo, portanto, servil e marginalizado. O conceito de “criança”, culturalmente produzido, de caráter histórico, contingente e inventado, é infinitamente variado, e, se, por uma lado, ao tratarmos de livro para crianças, algumas generalizações precisam ser feitas, por outro, não se pode esquecer o fato de que o conceito de “criança” é um atravessamento sempre presente para crítica e a teoria da literatura infantil. Nas palavras de Maria Cristina Soares de Gouvêa:

Em um recorte de longa duração, a noção de infância constitui fenômeno cultural recente nas sociedades ocidentais e o que qualificamos de criança, como se tratasse de uma definição objetiva, atemporal e universal, constitui, na verdade, um constructo sócio-histórico. (2004, p. 11).

Dessa forma, termos como “criança” e “infância”, muitas vezes tomados como conceitos abstratos e universais, são cobertos de sentidos diferentes em sociedades e períodos históricos distintos.

No capítulo dedicado à definição de “literatura infantil”, Peter Hunt começa por apresentar diferentes juízos críticos em relação ao seguinte posicionamento: aplicar ou não aplicar o arcabouço crítico-teórico voltado para a “literatura de adulto” no momento de se estudar a literatura infantil? Tal questão aponta para um elemento fundamental para quem estuda essa literatura: o modo como lemos esses livros, como lidamos com textos voltados para um público não adulto. Há uma tendência dos estudos literários de tomar como semelhantes três distintas situações de leitura: o adulto

que lê um livro destinado a adultos, o adulto que lê um livro destinado a crianças e a criança que lê um livro destinado a crianças. E, nesse momento de minha pesquisa, eu fui obrigado a me perguntar: como eu leio um livro para crianças? Quando leio esse livro, ele continua sendo um livro para crianças? É um exercício interessante de ser feito.

Tais questionamentos também atravessam o escritor adulto quando se propõe a tarefa de escrever para um público juvenil, como atesta a afirmação da escritora Nélide Piñon, que, em 1996, depois de mais de 30 anos dedicados à literatura para adultos, publicou um livro para esse público:

Quando tentada, sempre me recusei a escrever para um público jovem. Não me via preparada. Hesitava em abandonar as artimanhas dramáticas do mundo adulto em troca de um universo que embora me tivesse pertencido no passado – e hoje ainda ocupe a minha memória – há muito me abandonara. Não sabia que palavra usar, que amor aprofundar, que sentimento intensificar para alcançar a verossimilhança, ilusão, esperança. Tudo que palpita e dardeja num coração tenro, jovem e perplexo. (PIÑON, 1996, p. 4).

A fala de Nélide Piñon confirma a missão desafiadora que é para o adulto escrever para a criança, para esse leitor implícito. A formulação da noção de “leitor implícito” – o primeiro a lançar mão dessa noção foi Seymour Chatman (1979, p. 147-150) – no âmbito dos estudos de literatura infantil é bastante recorrente, sendo, muitas vezes, tomada como definidora do que seria o texto para criança, ou seja, aquele que constrói diegeticamente a figura/imagem da criança como destinatário intratextual do discurso narrativo. Também é óbvio que o leitor adulto não pode partilhar das mesmas referências que uma criança, em termos de experiência de leitura e de vida. Nas palavras de Hunt, ao lerem livros para crianças, os adultos precisam atentar para outros sentidos:

Primeiro, apesar de ocasionais protestos contrários, os adultos leem livros infantis como se fossem textos escritos para adultos. Se a leitura for motivada por algo que não o prazer, registraremos a presença do leitor implícito, mas “leremos contra” ele – o que certamente explica o baixo status dos livros para criança.[...] Em segundo lugar, normalmente, quando o adulto lê textos infantis, quase sempre está fazendo em nome de uma criança, para

recomendar ou censurar por alguma razão pessoal ou profissional. Os critérios aqui utilizados certamente supõem o público implícito e levam a um juízo intelectual quanto ao livro em questão ser ou não apropriado a esse público. (HUNT, 2010, p.79-80).

O terceiro sentido é quando o adulto lê o texto infantil com pretensões de discuti-lo com outros adultos, e, no quarto sentido, o leitor se rende ao livro nos termos do próprio livro, o que corresponderia à maior aproximação do modo como a criança lê, envolvendo, assim, uma aceitação do papel implícito.

É comum, ainda, no âmbito dos estudos de literatura infantil, o uso da expressão “assimetria” para dizer dessa experiência de construção de sentidos sobre o texto literário para criança produzida pelo adulto e também no que se refere à relação entre autor adulto e leitor criança. Tal experiência é fundamental para se pensar o trabalho de pesquisa e de ensino da literatura infantil. Afinal, ao ler o livro para criança, eu leio como a criança que fui (memória), ou como a criança que eu imagino ser (imagem)? Até que ponto eu consigo me descolar da minha experiência de adulto no momento da leitura do livro infantil? Qual a possibilidade de se reproduzir a relação da criança com o texto literário? Portanto, para além da definição do campo de estudo, a própria percepção dos textos dentro desse campo é problemática. Nesse sentido, a expressão “literatura infantil” é bastante emblemática, pois, nesse caso, a noção de “literatura” define-se em termos de seu público. E se, como já salientamos, a infância não é um conceito estável, também não se pode esperar estabilidade na literatura definida por ela. E como abordar esse texto da ordem da instabilidade?

O posicionamento de Peter Hunt é bastante claro: não há porque os textos para crianças fiquem à margem do cânone respeitável; portanto, o estudo sobre eles deve ser empreendido com o mesmo rigor com o qual nos voltamos para as, digamos, altas literaturas. Assim como é pertinente a construção de um discurso teórico novo – a partir, é claro, da teoria e da crítica literárias no sentido lato – para lidar com a literatura infantil. No capítulo denominado exatamente *Abordagem do Texto*, Hunt parte das primeiras sensações diante do objeto livro, a literatura a partir de sua materialidade, como examinamos esse objeto, o livro: como ele é? O que ele nos

diz sobre si mesmo? Qual é a sua fenomenologia, seu peritexto, seu caráter de juízos de valor? (HUNT, 2010, p. 107).

Depois a textura, a superfície, a linguagem escolhida, que pode ser portadora, reveladora ou aprisionadora dos sentidos. Noutras camadas, mais abaixo, teríamos o enredo, a narrativa, que muitas vezes é a única parte identificada pela teoria literária tradicional. A visada específica é que esse mergulho no texto, desde sua materialidade às camadas mais profundas, é proposto a partir da figura mais importante desse campo, no caso, o leitor criança. A crítica e o aparato teórico proposto pelo autor centram-se na figura da criança, muitas vezes à revelia de intenções estéticas, culturais, pedagógicas ou teóricas dos adultos leitores. Daí a insistência em algumas perguntas que perpassam as análises de Hunt: Como a criança produz sentido? Tal operação é significativamente diferente de como o adulto a faz? Que tipo de significado uma criança produz de um livro? É o mesmo de um adulto? É possível decifrá-lo?

Não é o propósito de Hunt dar respostas específicas para essas perguntas, mas chamar a atenção para as implicações delas e de como lidamos com elas no modo como lemos, escrevemos, teorizamos, ensinamos literatura infantil. A pertinência das colocações do pesquisador é inegável, por outro lado, elas expõem o seguinte questionamento: é possível trabalhar a literatura infantil do exterior, do fora do ser criança? Tal entrave parece confirmar a necessidade premente de se pensar o texto para criança a partir da constituição de uma outra visada, que exceda os modelos e convenções narrativas, trazendo o que de singular se impõe por força da própria experiência do leitor criança. Daí, por exemplo, a atenção especial dada à oralidade, pois como salienta o autor, a criança, ainda que por um período restrito, pertence a uma cultura primordialmente oral e seria na transição entre a palavra escrita e a palavra falada que se daria o deslocamento da literatura infantil.

Ao valorizar o encontro do leitor com o texto, é importante salientar que

As crianças são leitores em desenvolvimento; sua abordagem da vida e do texto brota de um conjunto de padrões culturais diferentes dos padrões dos leitores adultos, um conjunto que pode estar em oposição à oralidade, ou talvez baseado nela. Então, as crianças realmente “possuem” os textos no sentido de

que os significados que produzem são seus e privados, talvez até mais do que os adultos. (HUNT, 2010, p. 135).

Tal afirmação segue na contramão daquela concepção convencional, algumas vezes ironizada pelo autor, de que livro para criança é sinônimo de letras grandes e muitas figuras. Longe de subestimar o leitor criança, Peter Hunt defende que a literatura infantil não precisa ser simples e limitadora, pelo contrário, somente aqueles que conseguem se aproximar e negociar com esses leitores em desenvolvimento são capazes de perceber que eles, longe de serem criaturas estúpidas e sem opinião, são capazes de conceberem interpretações estéticas de ordem diferente das dos adultos. Poesseviés, as crianças seriam as verdadeiras desconstrutoras de textos, sempre prontas para ler contra os discursos, livres para fazerem leituras excêntricas.

Como lembra Hunt, “as crianças logo aprendem que as palavras não foram feitas para se jogar com elas, mas desde que elas joguem são desconstrutoras paradigmáticas.” (HUNT, 2010, p. 149). Nesse ponto, extrai-se uma perspectiva instigante, a literatura infantil não como canal pelo qual são transportados valores morais e pedagogizantes, mas enquanto espaço com o qual se afloram valores estéticos, isto é, a aproximação da teoria literária por meio da própria literatura – quem conhece os textos de Angela Lago, Bartolomeu Campos Queiróz, Manoel de Barros, Lygia Bojunga Nunes – para ficar apenas nesses quatro nomes da literatura brasileira – sabe o quanto a apreciação estética encontra-se disponível à criança. Acredito que os textos para criança muitas vezes funcionam também como desconstrutores paradigmáticos dos operadores teóricos tradicionais e pedem, portanto, no corpo a corpo da leitura, que se encontrem especificidades operacionais de análise, e o trabalho de Peter Hunt não se furta a isso.

Por fim, como se pôde perceber, a teoria e a crítica literárias são extremamente importantes para aqueles interessados e envolvidos na formação do leitor criança. Faz-se necessária, portanto, uma visada sobre a literatura infantil que aproxime o seu trato com o das outras literaturas, sem, entretanto, perder de vista as suas especificidades. Daí a necessidade premente de aproximação entre nós, professores e alunos pesquisadores da área de Letras, e os professores da educação básica; não é possível que continuemos nos ignorando.

Referências

BARTHES, Roland. *Aula*. 8.ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2000.

BRASIL. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

CHATMAN, Seymour. *Story and discourse: narrative structure in fiction and film*. Ithaca: Cornell University Press, 1978.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira de. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. *Caderno de Formação: formação de professores, didática de conteúdos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 2, p. 101-108.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *O munda da criança: a construção do infantil na literatura brasileira*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2004.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

OLIVEIRA, Fernando R.; TREVISAN, Thabatha Aline. A literatura infantil na formação de professores primários no Brasil: contribuições de Bárbara V. de Carvalho (1959) e Antônio D'Ávila (1961). *Revista Diálogo Educacional*, v.12, n.36, p. 359-379, mai. ago. 2012.

PAULINO, Graça. *Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares*. Caxambu: ANPED, 1998 (Anais em CD ROM).

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

PIÑON, Néida. *A roda do vento*. Rio de Janeiro: Ática, 1996

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA (SIELP), IV, 2014, Uberlândia. *GT Letramento e Experiência Literária*.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Org.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

